

LÉXICO E IDEOLOGIA: UMA RELAÇÃO CONSTITUTIVA

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

marlon@uems.br

Maria Leda Pinto (UEMS)

leda@uems.br

1. Introdução

Os editais de revistas, jornais, boletins, periódicos, televisão, enquanto “gênero” (BAKHTIN, 1986), representam, de uma forma geral, a síntese do “pensamento ideológico” do que vai publicado no corpo do veículo de comunicação. Esse “pensamento” ou “palavra” para Bakhtin (1986) por sua vez está situado no tempo e no espaço-social, ou seja, possui uma historicidade, é constituído de crenças e de valores que se materializam na palavra, entre outros aportes semióticos, onde as relações sociais são dinâmicas. Essa dinamicidade reflete de forma assimétrica – considerando a tensão do movimento dialético conflituoso no bojo da luta de classe – uma disputa “ideológica” (BAKHTIN, 1986, p. 31) de forma velada ou de forma explícita.

Cada veículo de comunicação não visa apenas informar, mas primordialmente transmitir a informação de “um ponto de vista determinado” das relações de classe ou das condições de produção material de existência (MARX & ENGELS, 1986), que não é aleatório ideologicamente, não há neutralidade no nível semiótico ou da palavra ou mesmo naquilo que consideramos sociedade. Sendo assim, tem também por objetivo, entre outros, formar opinião, criar “laços de identidade” (HALL, 2001) entre aquele que lê e aquele que escreve ou se pronuncia.

É possível afirmar, portanto, que o ato de comunicação se dá por meio da linguagem, em particular a verbal, ao instaurar o processo de enunciação (BENVENISTE, 2006), pois é uma das características peculiares à capacidade do ser humano de se comunicar por meio de sistemas de signos complexos. Contudo, sem entrever na problemática conceitual, Coseriu (1987, p. 32) afirma que “a linguagem tem um significado, é intencional e aparece no ‘plural’, isto é, na forma de tradição histórica”, e a língua faz parte do sistema complexo que é a linguagem constituída historicamente.

Segundo Saussure (1916, p. 17), a língua como instituição social representa um dos aspectos histórico, social, cultural, econômico e político, a partir das condições materiais de existência. Nisto existe um “elo” constitutivo inseparável ínfimo, entre a estrutura social e a estrutura linguística (uma se reveste da/na outra) de forma explícita e/ou implícita no léxico, por exemplo – que é o objeto da lexicologia – que permeia a identificação da trajetória e visão de mundo de um determinado grupo social. A unidade lexical, no nível linguístico, permite “o transparecer”, o modo de pensar, de ser e interagir de um grupo em relação a si mesmo e aos demais.

A partir dessas considerações iniciais, a proposta é efetuar um pequeno levantamento de algumas unidades lexicais de seis editoriais da revista *Sem Terra* do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). A revista é trimestral e teve seu primeiro número lançado em julho/97 e o número seis em janeiro/99. No período de outubro a dezembro de 1998, não houve nenhuma edição, ficando desta forma uma lacuna.

As unidades lexicais dos editoriais selecionadas para este trabalho são aquelas com algum valor significativo, ideologicamente marcado como forma de existir, produzir sentido(s), de interagir, enquanto condição que representa um tipo de ação ou *praxis* do MST. Por conseguinte, as marcas linguísticas nos textos – quer pelo seu valor ideológico, quer pela frequência – serão materiais para o *corpus* na elaboração do campo lexical e suas significações.

A escolha dos editoriais da revista do MST se justifica por ser o movimento social, enquanto grupo organizado, cuja prática e atuação social se revestem de significação no país. Assim, os editoriais contêm um certo modo de representação de mundo, a forma de agir socialmente, os métodos, as propostas como solução dos problemas sociais pertinentes ao grupo e ao país e revela ainda, por meio da palavra, quais são de fato seus interesses e suas perspectivas.

A partir dessas considerações introdutórias, o objeto deste trabalho são algumas lexias significativas ideologicamente. A metodologia utilizada na análise do *corpus* foi organizar essas unidades lexicais por estruturas semânticas e procurar elaborar uma síntese do valor dessas lexias em relação ao MST.

2. **Léxico e ideologia: uma relação**

A totalidade do ser, enquanto sujeito histórico, está na confluência constitutiva da/com linguagem por sua construção histórica. A linguagem e o ser são como o signo saussuriano; um remete ao outro, sendo que a falta de uma dessas partes descaracterizaria a totalidade do ser, transformando-o em “ser algo”, o mesmo pode-se considerar em relação à linguagem. Podemos afirmar que o ser é o ser de palavra, de língua. Buzzi (1973, p. 209) neste sentido, concebe “a palavra como a expressão do pensar” e “só na palavra nos é dado conhecer e viver a dádiva de seu sentido”, “estudar a palavra é acionar o desvelamento do ser, num ângulo próprio, esclarecendo como ele aparece e se dá a conhecer na casa da palavra” (*Id. Ibid.* p. 211). De uma perspectiva bakhtiniana, o ser se transmuta em sujeito de palavra ideologicamente constituído a partir de uma concepção materialista.

Essas considerações, ainda que breves – sobre ser, sujeito, linguagem e palavra – remetem a questão da língua e da cultura, pois, a linguagem e a palavra não estão soltas no espaço e indiferentes ao tempo. A palavra, assim, está “situada” na língua enquanto aquela que é constitutiva na/da cultura. A importância de tal fato de acordo com Baldinger (1966, p. 39), “é que a língua reflete a história dos povos, isto é a relação entre história da língua e a história da cultura”, e “com isso, a história da língua se confunde em história da cultura” (*Id. Ibid.* p. 42). Em se tratando de língua, história e cultura, o léxico é acervo riquíssimo de uma língua natural de qualquer povo.

O estudo do léxico cabe a lexicologia e lexicografia, contudo, ambas possuem enfoques distintos, a lexicografia se ocupa da organização e técnica de dicionários, enquanto a lexicologia trata da estrutura, da categoria, da definição de conceitos operatórios, da relação de sentido e contexto e ainda da análise componencial do léxico.

2.1. **Distinção: palavra, léxico e vocabulário**

A distinção entre léxico, palavra e vocabulário é de certa forma facilmente confundida em seus significados, que são até mesmo tomados como sinônimos. De forma elementar, podemos considerar que o **léxico** está reservado à língua, é um sistema aberto em expansão *ad infinitum*; a *palavra* está para toda ocorrência textual e o *vocabulo* para o discurso. Estas são algumas acepções da lexicologia que apresentou a noção de

“palavra-testemunha” (1973, p. 65). Matoré fez um estudo sobre a palavra à procura de uma definição, a fim de esclarecer seu estatuto e com isto constatou que: "a palavra, com efeito, é o resultado de uma evolução histórica (*Id. Ibid.* p. 37), "a palavra é uma ferramenta da compreensão social" (*Id. Ibid.* p. 39), "a palavra determina a *crystalização*" (*Id. Ibid.*, p. 40), "a palavra, humana [...] tem seus limites, mas ela não se mostra sempre imponente para nos fazer experimentar os estados da alma e os mais subjetivos".

De uma perspectiva marxista, Bakhtin (1986, p. 36-37) refletiu sobre a concepção da palavra, definindo-a como "fenômeno ideológico por excelência [...] a palavra é modo mais puro e sensível de relação social", "a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico". Já Pottier (1967, p. 54) da Linguística Estruturalista concebe-a como: "la palabra es la unidad mínima construída".

Outro termo importante também é a definição de lexia que, de acordo com Pottier (1978), é importante, tendo em vista que são três categorias relevantes, sendo que a lexia em sentido *strictu* é uma unidade de comportamento léxico. Para o autor:

A lexia simples corresponde à palavra tradicional [...] a composta é o resultado de uma integração semântica, a qual se manifesta formalmente [...] a complexa é uma seqüência em vias de lexicalização, a vários graus [...] a textual é uma lexia complexa que o nível de alcance é de um enunciado ou de um texto. (POTTIER, 1978, p. 268-269).

Bidermam (1987), em seu artigo sobre “A Estrutura Mental do Léxico”, esclarece os fatores básicos de uma rede semântica e de seus campos lexicais: "considerados: 1°) a maior ou menos frequência de palavras no uso linguístico; 2°) O encadeamento de sentido e/ou de forma segundo o modelo paradigmático" (*Id. Ibid.*, p. 139), isto em relação ao modelo de rede. Considera também que:

[...] uma rede semântica é composta de integração de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos. As palavras nucleares dentro do campo léxico provavelmente são as palavras mais frequentes dentre as palavras de conteúdo léxico (BIDERMAM, 1987, p. 139).

A respeito da estrutura do léxico e da organização do conhecimento, a autora comenta que “o homem foi estruturando o mundo que o cerca [...] Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. Por outro lado, podemos afirmar que, ao nomear, o indivíduo se apropriou do real”.

Segundo Bidermam (*Id. Ibid.* p. 141) os campos e subcampos lexicais estabelecem associações **direta** dentro do próprio campo; **indireta**, entre campos por "nós sêmicos" representada por linhas pontilhadas, no entanto, esses nós sêmicos carecem de estabelecer uma relação de partida e de chegada, representado no gráfico por um uma barra e por uma sete respectivamente. Isso porque nem sempre nas relações lexicais a recíproca é verdadeira. Há uma determinação e uma parcial.

Seguindo o mesmo método de análise vertical hierarquizada, as relações interlexicais também obedecerão ao critério transversal, horizontal e vertical entre campos lexicais para constituir uma rede semântica de sentido. As referências combinatórias de letra e número, lado direito, lado esquerdo também serão seguidas.

A teoria dos campos lexicais abre, assim, uma perspectiva para o campo semântico, pois, Trier (1980, p. 86) concebe a ideia de que "nossos conceitos recobrem todo campo do real sem deixar espaços vazios [...] Disso resulta o fato de qualquer mudança nos limites de um conceito acarreta mudança nos limites dos conceitos vizinhos" (*Id., ib.,* p. 83, *apud* GUIRAUD). Já para Guiraud (1980) "a noção de campo linguístico, definido por Trier, constitui a grande revolução da semântica moderna. Era, entretanto, inevitável que tal noção suscitasse críticas e reações".

Apesar das críticas e defesas da teoria dos campos, sua importância está em abrir uma nova visão na ordenação do valor/sentido da palavra, e isto proporciona uma melhor adaptação nas estruturas, uma melhor conceituação valorativa das palavras em relação clara entre campo lexical e campo semântico. Trier (1980) evitou este último termo, contudo, Bidermam (1987) "propõem um modelo de rede semântica e campo léxico", associados entre si, já que um campo semântico contém vários campos léxicos.

Os limites de um e de outro estão ainda pouco definidos, mas para Genouvrier e Peytard (1973, p. 318-319) esses campos "apresentam distinções no interior do léxico, de acordo com a sua função. nas diferentes situações no enunciado." (*Id. Ibid.,* p. 318). Para os autores, ainda existem outras estruturas "que se baseiam mais claramente no conteúdo semântico e em oposições socioculturais". Assim:

- a) Campo lexical é o conjunto das palavras que a língua agrupa ou inventa para designar os diferentes aspectos (ou os diferentes traços semânticos) de uma técnica, de um objeto, de uma noção; b) Campo Semântico é o conjunto dos empregos de uma palavra (ou sintagma, ou lexical) onde e pelos quais a palavra adquire uma carga semântica específica. Para delimitar esses empre-

gos, faz-se necessário o levantamento de todos os contextos (grifos nossos) imediatos que a palavra recebe num texto dado (GENOUVRIER E PEYTARD, 1973, p. 318-319).

Recto e Yunes (1980) estabelecem que um campo semântico é necessário inicialmente: a) procurar as relações de conteúdo lexical; b) delimitar o conteúdo evitando a intuição e a idiosincrasia; c) verificar as superposições parciais; d) procurar os conjuntos que as integram como unidades ligadas por relações, cuja rede constituirá a estrutura do conjunto. "O valor é relativo e se caracteriza segundo o *corpus* escolhido" (*Id. Ibid.* p. 75).

Outro termo importante é a hiponímia que designa uma relação lógica entre as classes das unidades lexicais com relação ao sentido hierarquizado onde um lexema está subordinado ou relacionado a outro por categorias específicas. O conceito de hiponímia está ligado à relação de sentido, dividido em duas categorias hierárquicas. Hiperônimo é uma classe geral, onde os demais termos são agrupados, podendo haver subdivisões; enquanto o hipônimo é a classe subordinada ou inferior a geral: o hiperônimo.

A sinonímia, a princípio tem duas acepções. A completa que "está ligada a distinção que se faz entre o senso cognitivo e o senso afetivo", enquanto a "incompleta [está] limitada à denotação". Em uma e outra acepção "a sinonímia pode ser considerada uma hiponímia simétrica. A princípio, um hipônimo não implica hiperônimos, mas o contexto situacional ou sintagmático pode conferir ao hiperônimo o significado de um de seus hipônimos (DUBOIS, 1973, p. 555-556).

A polissemia é um fenômeno de ocorrência contrária ao da sinonímia, uma vez que a polissemia está ligada a um só significante que possui ou pode possuir vários significados. O desfazer da polissemia acontece quando a palavra, a lexia está contextualizada dentro de um sintagma que não permite ambiguidade. Ainda, a polissemia é de noção sincrônica, entendida pelo falante em um determinado momento ou estado da língua que, no caso, é contemporâneo ao falante.

Saussure (1916) não definiu o termo sentido, podendo este assumir enfoques múltiplos. Contudo, por meio das metáforas do Mestre Genebrino, constatamos que o sentido dele provém de uma mesma articulação do pensamento e da matéria fônica, no interior do sistema linguístico.

Para Lyons (1980) "o conjunto de qualquer sistema linguístico que cubra a área conceptual e por meio das relações de sentido existente

entre eles, a estrutura, é um campo lexical [...] o sentido de um lexema é, portanto uma área conceptual que esteja associada a um lexema de que ela constitui o sentido, é um conceito" (*Id. Ibid.* p. 207).

De acordo com Trier (1931), qualquer palavra na consciência do falante pressupõe que há o seu contrário, esse seria o caso dos antônimos. Dessa maneira, remete à questão binária das línguas naturais, a qual pressupõe que as palavras têm seus pares de oposição, fato pragmático que nem sempre ocorre, a não ser pelo processo de categorização da negação do sentido colocado.

O sentido, pois, de um lexema já está parcialmente nele, contudo, o valor pleno, quer de afirmação ou negação, será determinado nos campos lexicais e redes semânticas em que se encontra. Para que isto ocorra, dependerá da sua posição neles.

Já Baldinger (1970, p. 249) propõe que o estudo das palavras "se agrupam alrededor de un núcleo de significaciones [...] se deduce com toda rapidez que se trata de una estrutura semasiológica, de un campo de significaciones" enquanto que "lo campo onomasiológico" trata das designações, com isso temos "la semasiologia parte de una forma... para llegar a una série de objetos mentales diferentes" (*Id. Ibid.* p. 115), uma vez que a onomasiologia percorre o caminho inverso, os da "designaciones, la semasiologia de vista complementários" (*Id. Ibid.* p. 116).

Segundo Buzzi, de uma perspectiva filosófica, "o homem reflete na execução da língua" e esta é apenas um aspecto da linguagem onde o ser se reconhece, age, pensa. Para Bakhtin (1986) a língua reflete e refrata as condições sociais e históricas onde o sujeito está inserido/constituído como "fruto" de um processo ideológico dialético, sendo que nada está ao mero acaso e nisto a preexistência do sujeito já implica numa preexistência ideológica das relações sociais.

O filósofo Eagleton (1997), após estudo sobre as várias acepções do termo ideologia, destaca alguns como pejorativo, negativo, neutro e positivo; concebe a ideologia sendo "antes uma questão de 'discurso' que de linguagem" (*Id. Ibid.*, p. 194). O objetivo do conceito de ideologia tende sempre a revelar "algo de relação material vista à luz de certas lutas de poder centrais de toda uma forma de vida social." A partir destes pressupostos, o autor ainda afirma que a ideologia dominante "molda" a consciência. Contudo "afrouxar esse domínio letal (...) em que tais consciências podem ser transformadas", pode acontecer primordialmente no espaço da luta política em que o sujeito está inserido de maneira concre-

ta. Essa luta é um fato empírico de resistência

[...] pelo ímpeto interior de tais conflitos, para o confronto direito com o poder do estado, é possível que sua consciência [do dominado, no caso, o agente do M.S.T.] política seja definida e irreversivelmente alterada, se uma teoria da ideologia tem valor, este consiste em auxiliar no esclarecimento dos processos pelos quais pode ser efetuada praticamente tal libertação diante de crenças le-tais (EAGLETON, 1997, p. 195).

Antes do próximo ponto, algumas considerações são importantes ainda a respeito da palavra dicionarizada, mesmo em suas diversas acepções, pois reflete apenas uma parte testemunhal da história de um grupo social determinado ou de um povo, isto porque ela perde um pouco do seu significado. Entretanto, é no dicionário e a partir dele que se recupera a outra parte da “alma” da palavra, que mesmo cristalizada no tempo e no espaço, é importante quanto à reflexão sobre a dicionarização do léxico. O lexicólogo ou dicionarista ao fazer o registro ou ao escolher não fazê-lo, está também imbuído de um determinado posicionamento social frente às questões sócio-históricas. Isso foi observado no percurso feito até este momento, quando o significado de acepção política na maioria das vezes nem era considerado, como se não existisse contexto, como se a lexia em questão fosse petrificada, e isto oculta – consciente ou inconscientemente – parte da realidade que por algum motivo, a ser pesquisado, não entra ou é proibido entrar de no dicionário. Esta precariedade precisa ser investigada por meio de uma pesquisa que poderá abordar a relevância dessa questão, por se tratar de um dicionário contemporâneo e de certo prestígio.

A palavra só existe no ser e este em sociedade, sendo aquela caracterizada por sua dinamicidade. É nessa dinamicidade de contextos, grupos sociais, povos, discursos, estilos de época entre outros aspectos que a palavra se encontra plena, livre para mostrar e se mostrar e ainda demonstrar sua virilidade de significados, quando isolada em campos lexicais ou em formações discursivas, mesmo se corrompendo ou perdendo sua significação primeira, isto não importa para quem a utiliza e nem para a própria palavra. Ela “na boca” do falante deve ser uma “serva” obediente, domesticada, flexível aos intentos de quem a usa. Como um jogo de poder, desejo, gozo, sedução e encantamento, deve-se explorar todos os seus limites porque ela é parte integrante do ser, nisto implica a aventura do ser também na palavra.

3. Metodologia

A metodologia utilizada na análise do *corpus* consistiu em organizar essas unidades lexicais por estruturas semânticas e procurar elaborar uma síntese do valor dessas lexias em relação ao MST. Partimos da seleção e organização de vários textos para a constituição do campo lexical, seguindo a sequência da edição cronológica. Em seguida, fizemos a compilação das lexias com 03 (três) classificações: 01 (uma) frequência, de 02 (duas) a 04 (quatro) e de 05 (cinco) em diante. Respectivamente, baixa, média e alta frequência.

Inicialmente fizemos uma síntese dos 06 (seis) campos léxicos, de modo que representasse poucas perdas de lexias em relação a estrutura lexical que organiza os textos ou discursos ideologicamente no edital do MST. A análise dos dados segue um parâmetro constitutivo *lato e stricto sensu*, dicionarizado⁶³ de um lado e contextualizado do outro no âmbito do discurso sócio-histórico do MST.

As demais lexias têm o propósito de contextualizar e de compor o valor ideológico no conjunto ou no campo. Para a conclusão da análise componencial. No sentido *stricto sensu* ou dicionarizado, a escolha recai sobre o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), isto é por ser bem mais atualizado (BIDERMAN, In: OLIVEIRA & ISQUERDO, 1988, p. 131), apesar dos defeitos constatados por Bidermam “de não se terem fundamentado em critérios lexicológicos, sobretudo o estabelecimento de um conceito linguístico de palavra [...] unidade lexical” (*Id. Ibid.*, p. 137-138).

4. Análise do campo lexical: uma síntese dos editoriais

A organização hierárquica do campo lexical que tem por objetivo orientar o roteiro de análise, seguindo o esquema da estrutura vertical representado abaixo.

⁶³ Consideramos aqui o sentido dicionarizado como uma referência que conseguiu se constituir e ser capturada enquanto registro a despeito do que circula desde o cotidiano e senso comum novos sentidos que se constituem na dinâmica social como um contrato sempre aberto para sentidos possíveis.

Essa estrutura vertical do campo léxico é formada de três lexias que representam as ideias-chave de formas hierarquizadas. 1 – Crise; 2 – Brasil e 3 – Partidos.

O arquilexema crise, do lado direito, tem como subcampo: A – Grande Capital Internacional; A – 1 Bolsas de Valores; A – 2 Política. Do lado esquerdo: A – Acontecer; A – 1 Sem; A – 2 Pior. O lexema.

2 – Brasil, do lado direito tem como subcampo C – F.H.C. que se divide em C – 1 (2°) Mandato; C – 1 – 1 Plano real; C – 2 Neoliberal; C – 2 – 1 Elites; C – 2 – 2 – 1 Brasileiras; C – 3 Subordinação.

C – 4 Política. Já do lado esquerdo: A – Movimentos Populares; A – 1 Explosões; A – 2 Resistência; A – 2 – 1 Nacionalmente; A – 3 Ausência; A – 3 – 1 Fórum. B – M.S.T.; B – 1 Reforma agrária; B – 1 – 1 Luta, com seus respectivos subcampos; B – 2 Ocupação, e subcampos; B – 3 Projeto, também com subcampos. Conforme no gráfico.

Na base da estrutura vertical, o lexema 3 – Partidos com o campo A – Esquerda; A – 1 (não) Vende; A – 2 (não) Afaga; do lado esquerdo. No centro da base está B – Centro-esquerda. Do lado direito tem-se C Direita: C – 1 Mote.

Os campos lexicais estabelecem relações transversais e verticais entre si, formando dessa forma uma rede de relações semânticas. Essas relações são marcadas por uma linha pontilhada que se inicia com uma barra (-) e termina com uma seta, indicando assim o ponto de partida e o ponto de chegada para definir as inferências e confluências de sentido.

A análise se limitará às unidades lexicais que formam campos e subcampos de caráter relevantes, assim, não abrangerá todas as lexias do Campo Lexical dos editoriais. Contudo, as unidades serão agrupadas, logo após, para análise da lexia em questão. Esse procedimento de agrupamento está organizado em subcampos lexicais.

A partir dos editais, apresentaremos, abaixo, à análise em sentido dicionarizado e em sentido contextual para concluir com as devidas inferências do(s) significado(s) contextualizado.

Da estrutura vertical. O arquilexema 1 – *Crise*⁶⁴ (5F)⁶⁵ :

⁶⁴ As lexias em questão virão sempre em itálico.

⁶⁵ O número indica a quantidade e a letra F a frequência nos editoriais.

ABH⁶⁶ – “6 situação grave em que os acontecimentos da vida social, rompem os padrões tradicionais, perturbam a organização de alguns ou de todos os grupos integrados na sociedade” (p. 500).

“um segundo mandato seria ainda mais truculento: a necessidade de aprofundamento do modelo [econômico neoliberal, estágio atual do capitalismo] e consequente agravamento da *crise*.” (E, 4, 2)⁶⁷; “todos sabem do tamanho da *crise* em que estamos mergulhados e ninguém acredita que a solução possa estar nas mãos dos que *dirigem oficialmente* (grifos nossos) o país.” (E,4,4).

O que difere do ABH, é que a crise para o M.S.T. não é um acontecimento casual, eventual ou ainda esporádico, mas uma consequência de uma escolha de sistema político –capitalismo – cujas características são as contradições estruturais da sociedade. “Estas se manifestam em forma de crises sucessivas, ora atenuadas, ora mascaradas”, e ainda graves, mais sempre permanentes. Para o Governo Federal – F.H.C. – é uma questão de equilíbrio financeiro e meramente administrativo. Com isto, esconde o significado político-social e histórico.

A – *Grande capital internacional* (6F) aparece diversas vezes com a mesma significação. O item ainda não foi lexicalizado por se tratar de lexia complexa. O significado corresponde ao sistema econômico capitalista cuja priorização é o capital, o acúmulo de riqueza por parte de algumas pessoas, grupos e/ou famílias em detrimento da maioria da população. Nessa perspectiva, o ser humano é apenas um “detalhe”. É senso comum que o resultado da aplicação ou participação desse sistema tem como consequências as injustiças e distorções sociais graves.

“O modelo econômico adotado pelo capital internacional é aplicado no Brasil pelo governo Fernando Henrique Cardoso” (E,1,3); “A subordinação ao grande capital internacional permanece a mesma” (E,5,1).

A – *1 Bolsa de Valores* (2F) tem como subcampos: A – 1 – Ásia e A – 1 – 2 Brasil.

ABH – “7. Local onde se reúnem corretoras para essas [venda e compra de ações] operações financeiras.” (p. 271).

“a queda da bolsa da Coreia” (E,2,1), “No dia 10 de dezembro as bolsas experimentam uma queda” (E,4,1).

⁶⁶ ABH para designar o significado no Dicionário do Aurélio, já citado anteriormente.

⁶⁷ Para a localização das citações no conjunto dos editoriais, o E significa editorial, primeiro número o editorial, e o segundo, o parágrafo.

A expressão *Bolsa de Valores*, neste caso, apresenta um significado pejorativo, pois, é um dos locais onde se manifesta a crise do sistema financeiro internacional com reflexo direto nas classes trabalhadoras, principalmente nas classes dos países em desenvolvimento em que o F.M.I. determina a política.

A – 2 *Política* (6F), modelo, resguardar e privilégios fazem parte deste campo.

ABH – "Conjunto de objetivos que informam determinado programa da ação governamental e condicionam sua execução." (p. 1358).

"O M.S.T. viram como a última alternativa *política* para solução de seus problemas seculares." (E,3,3), "Há um descrédito geral na *política* tradicional e nas instituições." (E,4,4), "O Brasil permanece o mesmo, a *política* do governo F.H.C. permanece a mesma crise" (E,5,1).

A diferença consiste em que para o M.S.T., a *política* tem um caráter imperativo de programa, cujo objetivo deve contemplar a todos socialmente, sem exclusão social, com um sema a mais, o sema humano, enquanto que para o senso comum tem um significado pejorativo, tendo em vista os programas e projetos políticos executados pelo Governo Federal que beneficiam as elites nacionais e internacionais. Para o M.S.T. tem ainda um significado de projeto político proposital, consciente dos efeitos e consequências para atender outros interesses que não os sociais. As consequências para o Governo são apresentadas como externas ao projeto, contudo, a construção é uma luta política de mobilização e intervenção direta e indireta.

Do mesmo lexema 1- Crise, contudo do lado esquerdo, tem o campo A – *Acontecer* (F3) tem dois subcampos: A – 1 Sem: intervenção, oposição, programa de luta, excluídos; A – 2 Pior: nos, desorganizadamente.

O item lexical tem o mesmo significado no ABH e nos editoriais. Contudo, acrescentam-se 02 (dois) semas com o sentido de deixar ao acaso, sem organização e o segundo com o sentido de intervir organizadamente para transformar, a partir de uma atitude radical a realidade.

"Nada *acontecerá* sem uma intervenção organizada..." (E,6,1), "enfrentar a crise desorganizadamente é o pior que nos pode *acontecer*." (E,4,3).

A segunda unidade lexical na linha vertical, 2 – Brasil, no qual irão sair dois grandes subcampos, A – Movimentos Populares e B – M.S.T.

2 – Brasil (5F):

ABH – "indígena do Brasil. 5. Natural ou habitante do Brasil." (p. 283).

“Mais do que nunca as forças populares apresentem à nação um projeto para o Brasil.” (E,2,2). O *Brasil* permanece o mesmo, a política do Governo F.H.C permanece a mesma – sendo a mesma – apenas se aprofundou.” (E,5,1), “Mas, sendo o mesmo, o *Brasil* é também outro. O Crescimento (...) de oposição de esquerda.” (E,5,2).

Ser “indígena” ou “natural” do *Brasil* na voz do M.S.T. assume um significado diverso, é não ter cidadania, ser subordinado aos interesses das elites nacionais e internacionais; ser explorado, não ter projeto social próprio, não ter autonomia. O léxico *Brasil* tem um sentido também pejorativo por não reagir a sua subordinação e o M.S.T. diante desse fato constatado propõe um novo projeto a partir das forças populares, com atuação organizada e considerando também o crescimento da força de esquerda. O ABH não faz referência a cidadania, a autonomia a política, a independência, entre outros.

A – *Movimentos Populares* (3F) tem como subcampos A – 1 Explosões; A – 2 Resistência; A – 3 Ausência, sendo que os dois últimos têm subcampos.

Dessa maneira, não possui registro no ABH por se tratar de uma lexia complexa, havendo outras lexias compostas com o lema *movimento*. Das três ocorrências, uma é sinônima, mesma não havendo sinônimo perfeito dentro da mesma estrutura.

“Mas do que as *forças populares* apresentem à Nação um projeto para o Brasil” (E,2,2), “Os *movimentos populares* já indicam uma retomada, em que a experiência vivida no final dos anos 70 é submetida a um crivo crítico.” (E,5,4), “Utilizando-se a ciência e a tecnologia a serviço de todos e não para manter a dominação entre explorados e exploradores. Foi com esse objetivo que a *Central de Movimentos Populares*, o M.S.T.” (E,2,2).

A unidade lexical destaca acima, no senso comum, tem o significado de mobilização de certa camada da sociedade para defender e garantir seus direitos. No texto do M.S.T., *Movimentos populares* têm uma conotação de reação de grandes manifestações, contestações da situação política do país, geralmente tendo como liderança a esquerda – situação que está sendo cada vez menor – e manifestações de lideranças isoladas de grupos sociais distintos. O M.S.T. proclama a unificação dos *movimentos populares*, pois, todos são vítimas do mesmo sistema.

A – 1 *Explosões* (2F), contínuas, localizadas, momentâneas, isoladas, sufocadas e incapazes.

ABH – “3. Fig. Manifestação viva e súbita: *explosão* de alegria; *explosão* de riso.” (p. 744).

“As *explosões* momentâneas de massas podem continuar a acontecer, mas a ausência de um fórum (...) que organiza e articule nacionalmente essas insatisfações fará com não passem de *explosões* momentâneas e legalizadas.” (E,6,1).

Para o M.S.T. o significado da unidade lexical *Explosões* é uma forma de contestação, protesto sem articulação ampla e sem resultados eficazes devido a falta de uma organização, de um diálogo em forma de projeto constante a respeito das questões políticas do país, e nisto o M.S.T. se propõe, enquanto vanguarda, a catalisar todas as forças explosivas em torno de um projeto único cujo início é um programa de reforma agrária. Ainda subjaz uma crítica aos partidos de esquerda por deixarem de ser a vanguarda dos movimentos populares, e nisto as bandeiras de reivindicações estão pulverizadas, justificando a proposta do M.S.T. No ABH o significado não tem nenhuma conotação política.

A – 2 *Resistência* (1F), com projeto, articulada, organizado; A – 2 – 1 Nacionalmente: com eleição, sem eleição.

ABH – “Ao fig. Oposição ou reação opressora” (p. 1494).

“Jornada de trabalho (...) e privatizações que a direita se coloca enquanto programa, e que a ausência de *resistência* facilita ou pelos menos corrobora.” (E,6,1).

Para os diversos significados da unidade lexical *resistência*, ABH apresenta um figurativo que coincide com o mesmo utilizado pelo M.S.T. que, por meio de sua ação pragmática, resiste à condição imposta pelo sistema político. Na voz do M.S.T., no quadro dos Movimentos Populares, o sema é de crítica aos próprios Movimentos Populares que estão pulverizados e sem projetos de resistência definidos e ainda sem estarem centralizados ou em sintonia com os demais do país.

A – 3 – *Ausência* (2F); A – 3 – 1 Fórum, frente partidária, organização do povo.

ABH – “2. Falta de comparecimento; falta... inexistência.” (p. 201).

“A *ausência* facilita ou pelo menos corrobora.” (E,6,1), “As *explosões* espontâneas de massas, mas a *ausência* de um fórum” (E,6,2).

ABH não faz nenhuma acepção de cunho político do termo. Contudo, o significado é o mesmo com um sema – M.S.T. – a mais de *ausência* e inexistência de política nacionalmente articulada e organizada com um projeto social de mudança do sistema econômico político do país.

B – M.S.T. (4F) tem como subcampos B – 1 Reforma agrária, B –

2 Ocupações. B – 3 Projeto. O três possuem subcampos.

ABH apresenta vinte e sete lexias compostas e nenhuma se referindo aos movimentos de trabalhadores quer do campo, quer da cidade e ainda nenhuma acepção de forma geral do termo. Há de se considerar que os movimentos populares do campo ou da cidade são históricos e não tão recentes. Nisto pode-se fazer uma inferência do não registro como uma postura talvez ideológica.

“Foi com esse objetivo que as Centrais dos Movimentos Populares, o M.S.T. e a Secretaria Executiva da Terceira Semana Social da igreja reuniram-se em Itaici (SP).” (E,2,2), “O Governo Federal fecha o cerco sobre os sem terra (...) e trava uma batalha de (des)informação, com o objetivo de isolar o M.S.T.” (E,3,1), “Sabedor da verdade, e tendo uma situação de extrema desigualdade no campo como seu calcanhar de Aquiles, F.H.C apressa-se a desqualificar o M.S.T.” (E,3,4), “Os principais meios de comunicação do país, como orquestra afinada, passam a divulgar ‘pesquisas de opinião’ em que o M.S.T é reprovado pela opinião popular.” (E,3,5).

O M.S.T. é um movimento organizado que surgiu no fim da década de 1970 para discutir a questão dos sem terra, uma vez que os governos não se preocuparam com a distribuição de terras no Brasil. Diante dessa constatação, o movimento, uma vez centralizado, passou a agir ocupando terras improdutivas e/ou grilhadas ou ainda em disputa, com o objetivo de pressionar os governos para fazer a reforma agrária e os assentamentos. Com isso o M.S.T. está alcançando objetivos consideráveis pela sua atuação. O importante é o envolvimento da nação no debate amplo sobre a questão da terra. Apesar de ser uma prática de enfrentamento conflituosa, o movimento está crescendo e dialogando com os diversos segmentos sociais. A bandeira da reforma agrária está congregando outros segmentos sociais também excluídos socialmente.

B – 1 *Reforma agrária* (6F) tem como subcampo B – 1 – 1 Luta com outros subcampos.

ABH “*Reforma agrária*, revisão da estrutura agrária dum país com vistas a uma distribuição equitativa de terra e renda agrícola .”(p. 1422).

“Lançamos [a revista] como instrumentos de comunicação e diálogo não apenas com os sem terra, mas com todos aqueles que apoiam ou simpatizam com nossa luta pela reforma agrária.” (E,1,1), “*Reforma agrária* uma luta de todos.” (E,1,3), “Raul Jungman, numa hábil jogada de marketing, respondendo o apelo do papa João Paulo II, entregava-lhe os números da *reforma agrária oficial* [itálico do texto] . Onalício Barros (...) e Valentin Serra (...) eram brutalmente assassinados por sua luta pela *reforma agrária real*” (E,3,4), “As posições assumidas pelos movimentos são contestadas, porque, segundo eles [os principais meios de comunicação], transcenderam as luta pela *reforma agrá-*

ria, como se fazer política ou simplesmente ter o direito e intervir nos destinos da nação fosse prerrogativas de alguns iludidos”(E,3,5).

ABH apresenta a unidade lexical *reforma agrária* como “revisão” e “distribuição”, mas não a relaciona à questão estrutural política, como se a estrutura agrária estivesse desvinculada de quadro político secular maior. Por outro lado, na voz do M.S.T. a Reforma agrária assume um significado muito mais amplo que diz respeito, não só aos sem terra, mais também aos que vivem nas cidades. Afinal, a reforma agrária também tem o significado de luta, conflito, morte, dignidade, cidadania, humanidade, desenvolvimento, por isso é extremamente político. Isso implica não em uma mudança estrutural agrária, mas sim em uma mudança estrutural de sistema, em que o ser humano seja o centro das intenções e ações sociais e não o sendo o capital, um sistema justo, social, o que é o oposto do que preceitua hoje no Brasil.

B – 1 – 1 *Luta* (10F), B – 1 – 1 – 1 marcharam, B – 1 – 1 – 2 Excluídos, B – 1 – 1 – 3 Política, B – 1 – 1 – 4 De todos.

ABH “3. Peleja, batalha, guerra: lutas civis. 4. Antagonismo entre forças contrárias; conflito (...) lutas de classes.” (p. 1054).

“Onalício Barros (...) e Valentin Serra (...) eram brutalmente assassinados por sua *luta* pela reforma agrária *real*. (E,3,5), “*Luta* pela transformação da realidade no campo.” (E6,4), “E não há dúvida de que o povo amplia sua organização no bojo de movimentos e *lutas* em torno de objetivos que avançam durante o processo.” (E,6,4).

Nos editoriais, considerei a unidade lexical *luta*, a título de frequência e no mesmo sentido as variantes ou formas como *luta*, *lutas*, *lutar*, *lutando* por terem o mesmo significado nos textos, muito embora sendo derivadas e sinônimas.

O significado tanto no ABH, como no M.S.T. são os mesmos. Entretanto, no ABH aparece de forma implícita – *lutas* de classe -, sendo que no M.S.T. existe um sema a mais – política – de forma explícita; *luta* política de interesses de classe derivada dos antagonismos históricos que se apresentaram como **intocáveis** (grifo nossos) historicamente.

B – 1 – 1 – 1 *Marcharam* (1F), caminhada, popular, capitais, cidade, estradas, avenidas, ruas e praças.

ABH – “6. Sequência, sucessão: a marcha dos acontecimentos.” (p. 1090).

“De 3 de agosto a 7 de setembro, sem terra partiram de mais de 70 pontos distintos e *marcharam* por milhares de municípios em direção às Capitais, culminando com o Grito dos Excluídos.” (E,4,4).

ABH não explicita o tipo de “acontecimentos: se são cívicos ou comemorativos, pois para o M.S.T. *marcharam* assume o significado de protesto político organizado contra o Governo Federal para reivindicar justiça social, distribuição de renda, ou seja, a estruturação da reforma agrária, de fato, com todas as implicaturas necessárias. *Marcharam* ainda reflete um sentido de pré-disposição para o enfrentamento não só dos Sem Terra mais de todos os excluídos.

B 1 – 1 – 2 *Excluídos* (3F), homens, mulheres, brasileiros, brasileiras, explorados, sem terra, trabalhadores rurais, trabalhadoras rurais.

ABH – “Que é objeto de exclusão.” (p. 739).

“Novas hordas de *excluídos* (aqueles que o sistema inclui através da miséria) inundarão as ruas (...)” (E,4,1), “*Marcharam* (...) culminando no Grito dos *Excluídos*.” (E,4,4)

O significado que o M.S.T. imprime a *excluídos* é totalmente contrário ao do ABH, um significado diverso, pois o dicionarista apresenta a unidade lexical como “objeto de exclusão” e nenhuma acepção a pessoas, enquanto para o M.S.T. tem um caráter político sócio-histórico sendo consequência de um processo consciente imposto pelas elites, representantes do sistema. Após explorar o trabalhador (campo ou operário) o “descarta”, deixando a margem da sociedade um grande contingente de pessoas, tratadas como *coisas e objetos* (grifo nossos).

B – 1 – 1 – 3 *Política* (7F), intervenção, manifestação, classe, agir, reação e força.

ABH – “6. Princípio doutrinário que caracteriza a estrutura constitucional do estado. 7. Posição ideológica a respeito dos fins do estado.” (p. 1538).

“O M.S.T. (...) viram [massas trabalhadoras] como última alternativa a luta *política* para o solução de seus problemas seculares.” (E,3,3), “A luta pela reforma agrária, como se fazer política”(E,3,5), “A política do governo F.H.C. permanece a mesma (...) apenas aprofundou” (E,5,1).

ABH não esclarece que o item lexical *política*, além de ser um espaço de princípio “doutrinário” é totalmente uma *posição ideológica* é uma atitude ideologicamente definida de confronto, de interesses sociais marcados (grifo nossos). Para o M.S.T significa uma ação pragmática, eficaz – mesmo fora dos parâmetros da lei – que os partidos e políticos ditos de esquerda, que se apresentam como defensores dos direitos sociais do povo ainda não conseguiram avançar e materializar seus ideais, por estarem numa esfera “burocrática e legalista” em que o sistema domina e reformula de acordo com os seus interesses. Diante disso, os trabalhado-

res e os movimentos sociais organizados não têm mais expectativas legalistas, na forma da lei, para esperar pelos seus ditos representantes. Ainda para o M.S.T. é um posicionamento teórico provido de prática – ocupação de terras.

B – 1 -1 – 4 *De Todos* (6F), nação, campo, cidade, cidadãos, trabalhadores, simpatizam.

ABH apresenta no singular com o significado de totalidade, já no lema *todos* "todas as pessoas; toda gente, todo mundo" (p. 1658). Contudo, a lexia de *todos* não é registrada pelos autos. Diante disso, procedi a uma verificação fragmentada sem considerar a *priori* a lexia de que de certa forma serve aos propósitos.

"É preciso avança para que acreditamos ser a peregrinação do homem sobre a terra, a busca do bem-estar *de todos*." (E,2,2), "A ciência e a tecnologia a serviço de *todos* e não para manter a dominação entre explorados e exploradores" (E,2,2), "Reforma agrária, uma luta de *todos*." (E,1,3.).

O significado abonado pelo ABH e o M.S.T. coincide, no entanto o do M.S.T. apresenta o sema político-ideológico com três significados. União dos Sem Terra face ao problema comum e sendo a única solução; união dos menos privilegiados socialmente que estão em estado de miséria; os trabalhadores e os excluídos que estão fora da escala social. Isto tudo implica que o significado da lexia complexa *de todos* representa uma proposta de união destes segmentos para enfrentamento direto – ação esta que o próprio M.S.T. vem efetuando com frequência com o sistema, com o intuito de substituí-lo por outro em que não haja discrepâncias sustentadas pelo sistema, representadas e mantidas pelo atual Governo Federal.

B – 2 *Ocupação* (1F), B – 2 1 terra, B – 2 – 2 organizada; somente o último tem subcampos.

ABH – "1. Ato de ocupar, ou de apoderar-se de algo, posse..." (p. 1214)

"Aproxima-se as eleições e o Governo Federal (...) dificulta as negociações, impede novas ocupações de terras improdutivas" (E,3,1),

Quando se contextualiza o item lexical *ocupação* deixa de ser uma ato passivo apenas apresentado pelo ABH como simplesmente "apoderar ou ocupar". A *ocupação* para o M.S.T. tem um significado de disputa – porque já está ocupado – de espaço localizada no tempo e no espaço e com o sema produzir extraído da terra. Só se ocupa com um propósito, no caso do M.S.T., um propósito coletivo e social. Ainda sig-

nifica um ato político, um desafio às instituições vigentes, pressão social e ato com intuito de resgatar a cidadania.

B – 2 – 1 *Terras* (3F), sem terra, improdutivas, governo; B – 2 – 1 – 1 *Direito*; B – 2 – 1 – 2 *Distribuição*. Os dois últimos são subcampos.

ABH – apresenta diversos significados da lexia simples e composta. Contudo, apresenta como "7. Localidade, lugar (...) 10. Propriedade rústica de tamanho considerável" (p. 1668).

"Está é uma causa dos que lutam lidam diretamente com a *terra*." (E,1,2), "Impedir novas ocupações de *terras* improdutivas" (E,3,1), "É preciso avançar para que o acreditamos ser a peregrinação do homem sobre a *terra* a busca do bem-estar" (E,2,2).

O significado da unidade lexical *terra* assume no M.S.T. um sentido totalmente diverso, de causa, luta, vida, trabalho, identidade e morte. Outros significados como função social, divisão de renda são arrolados pelo M.S.T. quando se referem à terra como espaço de disputa, revestida de cunho ideológico, ligada diretamente ao espaço político-histórico.

B – 2 – 1 – 1 *Direito* (4F), cidadão, luta, trabalho e vida.

ABH – "9. Aquilo que é justo, reto, conforme a lei... **direito individual**. Relativo a tudo quanto se refere à dignidade da pessoa humana, tal como a vida, a liberdade, a segurança" (p. 594 – 595).

"Simplesmente Ter o direito de intervir nos destinos da nação..." (E,3,5), "Resistir significa... impedir perdas dos direitos conquistados" (E,2,2).

Direito para o M.S.T. e os movimentos populares, antes de mais nada, significa uma conquista histórica de caráter político que pressupõe uma luta para adquirir e outras para a manutenção. É uma relação dialética permanente de avanços e retrocessos. O "justo, reto, dignidade, entre outros", arrolados por ABH é apresentado de forma passiva, contemplativa, desprovida do significado de luta política, mensuração de forças e antagonismos. ABH não faz nenhuma menção que o *direito* nunca é dado simplesmente por ser *direito* e sim imposto por ser um espaço político-ideológico-dialético.

B – 2 – 1 – 2 *Distribuição* (1F), riquezas, igualitária e sem excluídos.

ABH – "ato ou efeito de distribuir, repartição" (p. 601).

"Um projeto alternativo (...) com geração de renda, e distribuição igualitária das riquezas produzidas" (E, 2,2).

Distribuição implica para o M.S.T. – e nisso está o significado – relação entre dominado e dominador, precede uma sociedade injusta, desigual e a justiça e a igualdade impõem disputa e luta política que estão diretamente relacionadas com as riquezas produzidas que poucos usufruem, explicitando a existência de excluídos do processo de consumo elementar. O significado de *distribuição* assume diversos sentidos, dependendo de quem o utiliza, e claro, do espaço da proclamação.

B – 2 – 2 *Organizada* (3F), processo, país, luta, objetivo, força e solução. A lexia nos editoriais se apresenta com variações sinonímicas no mesmo nível, situação que o próprio contexto abona (organizadas e organizadamente). Contudo o sentido é o mesmo; de organização.

No ABH está no masculino que é uma tendência das entradas nos dicionários; e apresenta o significa de "Ordenado, metódico." (p. 1232)

"Nada acontecerá sem uma intervenção *organizada* nacionalmente da oposição de esquerda." (E,6,1), "Resistir significa agir *organizadamente* (...) implica na ação *organizada*" (E,6,4).

Organizada está relacionada ao significado de conjunto, união, coesão, prática em grupo, de forma alinhada para um possível confronto por meio de um processo histórico-político atual com fins e objetivos comuns. Ainda com um sema de instituição, isto é, na voz do M.S.T. que se propõe enquanto vanguarda e deixa uma crítica aos partidos de esquerda, já no ABH refere-se a uma organização e métodos de forma passiva.

B – 3 *Projeto* (11F), B – 3 – 1 Alternativo, B – 3 – 2 Estrutura fundiária e B – 3 – 3 Construir.

ABH – "1. Idéia que se forma de executar ou realizar algo, no futuro; plano, intento, de signo" (p. 1400).

"É hora de construir um *projeto* nacional efetivamente novo" (E,1,3), "Mais do que nunca as forças populares apresente um *projeto* para o Brasil." (E,4,1), "Nós continuaremos a resistir e a construir nosso *projeto*." (E,6,5).

O significado é o mesmo, contudo, ABH não faz menção política, ficando só no formalismo do significado, enquanto o M.S.T., movimento nascido de uma situação sócio-histórica, acrescenta – como em todos os itens lexicais marcadamente linguístico-ideológicos – a questão política como aqui e agora, além de ser um embate de forças opositoras de caráter inconciliáveis. O *projeto* por construir impõe a substituição estrutural que vigora no país e somente pelas forças populares e pelos partidos, le-

gitamente de esquerda, podem por em marcha ou construir esse projeto.

B – 3 – 1 *Alternativo* (2F), nacional, transformação, nação, firme, legítimo, avança e oposição.

ABH – 3. Diz-se das coisas que se pode escolher a que mais convenha." (p. 93).

"Um projeto *alternativo*, mas que apresente de forma concreta desenvolvimento das forças produtivas" (E,2,2), "Massas trabalhadoras que viram como última alternativa a luta política para a solução de seus problemas seculares." (E,3,3).

Neste caso, os significados são distintos na medida em que, para ABH, as questões estão postas de forma objetiva, no entanto, para o M.S.T., primeiro é necessário percebê-las: perceber o antagonismo social de maneira clara como questão política planejada. Ainda para o M.S.T., o significado de *alternativo* impõe primeiro compreender o fato objetivo, social, político no qual o sujeito está envolvido, para depois propor uma substituição que se dá no campo da pragmática, confronto político-ideológico, muito raramente pacífico. O M.S.T. propõe uma *alternativa* como saída, para movimentos populares oprimidos, marginalizadas, a reversão do quadro social.

B – 3 – 2 *Estrutura Fundiária* (1F), Brasil e todos.

ABH apresenta várias lexias compostas formadas com o item estrutura, mas *estrutura fundiária* não tem nem uma acepção aproximada ou implícita, ou seja, não tem registro.

"Um projeto nacional efetivamente novo e que para tanto, implica necessariamente uma nova *estrutura fundiária* para o país." (E,1,3).

Estrutura fundiária difere de reforma agrária que, por sua vez, é uma das bandeiras, visto que a reforma agrária não implica necessariamente afetar a estrutura do sistema econômico político, com isso seria uma bandeira inicial, para abrir um debate amplo sobre questões relacionadas a terra com mais profundidade. Em uma concepção marxista, reforma agrária é questão ultrapassada, enquanto que *estrutura fundiária* significa alteração estrutural do sistema político de distribuição das riquezas. Basta lembrar o **esforço** (grifos nossos) que foi, para os movimentos populares, imprimir na Constituição Brasileira "a função social da terra". O seu cumprimento depende de uma estrutura política e sistêmica que garanta um novo projeto, visto que a atual dialoga com as grandes Capitânias da época do Brasil Colonial. Concluindo, estrutura

fundiária implica em um novo sistema político social, enquanto que a reforma agrária está na superfície do problema.

B – 3 – 3 *Construir* (3F), é urgente, conquistas, reação, todos (afeta), vida e novas (ocupações).

ABH – “3. Formar, conceber, elaborar.” (p. 461).

“Seja por afetar a todos [a causa da terra] diretamente no que diz respeito às condições materiais (objetivas) de vida, seja também ética de *construir* uma Nação livre, rica e justa.” (E,1,2), “É hora de *construir* um projeto nacional” (E,1,3), “Nós continuaremos a resistir e a *construir* nosso projeto.” (E,6,5).

O significado é o mesmo do ABH, mas este não se refere em nenhum momento a conotação política, ideológica enquanto, no M.S.T., essas são as marcas ou semas em relação ao significado de *construir* em substituição ao que não serve mais *por não dar conta* de atingir a todos de forma igualitária (grifos nossos). Nisso o próprio M.S.T. – independente dos movimentos populares e partidos, quer de oposição, quer de esquerda – está pondo em marcha a construção daquilo que acredita ser essencial para o próprio movimento e para o país.

Retomando o lexema 2 – Brasil, do lado direito, que tem como subcampo C – F.H.C. (7F), este por sua vez tem outros subcampos. C – 1 (2^o) Mandato, C – 2 Neoliberal, C – 3 Subordinação, C – 4 Política. Os dois primeiros têm subcampos.

F.H.C. é uma sigla que comumente designa o nome do presidente Fernando Henrique Cardoso, procedimento que não é exclusivo do M.S.T. e sim da imprensa escrita, falada ou televisiva. O presidente também não é único a ser reconhecido por sigla, já que essa forma de apresentação aplica-se de forma geral aos políticos. Tendo em vista esse fato, o ABH não tem registro, pois F.H.C. pode ser lexicalizada ou não, dependendo de sua importância histórica. Enquanto lexia complexa, tem um significado de representante legítimo institucionalmente como Presidente da República, chefe maior da nação brasileira eleito pelo voto direto, não importando as condições.

“F.H.C. apressa-se a desqualificar o M.S.T. como legítimo movimento” (E3,3), “A reeleição de F.H.C., e para a nova fase de desmonte da economia brasileira”, (E,4,1), “se o primeiro mandato de F.H.C. não primou pela democracia (...) um segundo mandato seria ainda mais truculento” (E,4,2), “A política do governo F.H.C, permanece a mesma crise (...) a subordinação ao grande capital internacional.” (E,5,1).

Na voz do M.S.T., o significado é pejorativo, não assume a extensão institucionalizada, além de ter como agravante o fato de o Presidente ter sido um militante político e sociólogo de atuação de esquerda. Isso o torna – perante seus pares de outrora, os movimentos populares de esquerda e diante da opinião pública de uma forma geral – um militante que abandonou a causa que tanto defendeu, sendo esse aspecto reconhecido internacionalmente, ou seja, no popular foi considerado um “viracasaca e mais duro ainda, um traidor”. Essas considerações são necessárias até para compreender o significado para o M.S.T..

Enquanto Presidente do Brasil, o significado é de reducionismo, uma vez que ao assumir outras posições ideológicas, F.H.C. torna-se, meramente, um representante das elites nacionais e internacionais. Fato que implica em subordinação, falta de autonomia política, sendo mais um representante dos interesses internacionais – aliado às elites brasileiras – do que representante dos interesses maiores da população brasileira.

C – 1 (2) *Mandato* (1F), (33%) votos, “bola toda”, novo-mas-o mesmo, C – 1 – 1 Plano Real, plano econômico, política compensatória e aprofundou. Somente Plano real forma um subcampo.

ABH – “4. Poderes políticos outorgados pelo povo a um cidadão, por meio do voto, para que governe a nação” (p. 1076).

“Um segundo *mandato* seria ainda mais violento” (E,4,1).

A lexia *mandato* apresenta o mesmo significado em relação ao M.S.T., sendo que este a concebe como um poder para legislar e defender os interesses nacionais e da maioria da população, uma vez que governante/presidente é o legítimo representante do povo. Uma vez eleito, isso não se verifica na prática, pois o presidente geralmente adota uma postura que acaba por defender interesses de grandes grupos financeiros e políticos que dão sustentação ao se mandato, desta forma transviando o significado de *mandato* legítimo outorgado pelo povo.

C – 2 *Neoliberal* (1F), projeto, pacote, dos de sempre, C – 2 – 1 Elites, desmonte, privatizar, desnacionalizar e economia. Somente Elite forma um subcampo.

ABH – não registra o lexema neoliberal, no entanto tem a entrada como **liberal** que só faremos uso por aproximar da significação. “2. Que é partidário do liberalismo (1), ou que nele se funda: político liberal; doutrina liberal” (p. 1028).

“Ainda há muito que vender, privatizar e desnacionalizar antes do armagedon. O apocalipse do projeto *neoliberal* virá” (E,4,1).

A partir do prefixo *neo* – novo – mais a unidade lexical *liberal*, forma-se a palavra *neoliberal* cuja relevância doutrinária implica um estágio superior do liberalismo. Representa também uma nova fase do Capitalismo, onde os grandes grupos financeiros controlam a economia, impondo aos países, por influência direta – o F.M.I – ou indireta – a venda das estatais – mesmo que estratégicas para a nação – para a economia privada. Dessa forma, perde além do patrimônio, a função social, já que sempre causa demissão em massa, uma vez também que a iniciativa privada está preocupada com o lucro em si e caso faça concessões é tão somente visando uma maior produção por parte do funcionário. Isso acarreta maior produtividade com número menor de funcionário, levando a uma competição social quase que desumana, em que o ser vale não o que é enquanto ser, mas o que representa em termos de produção e de lucro privado.

Para o M.S.T., o significado está baseado na ambição extremada do lucro, no acúmulo descomunal de poder financeiro, situação em que o ser humano é reduzido “a uma peça de jogo” em que o lucro é o fundamental, o valor da vida é banalizado. Essa constatação está nas grandes massas de excluídos socialmente numa época em que a tecnologia e a ciência avançam a passos largos, fato esse que poderia tornar a sociedade justa e igualitária, todavia, esse desenvolvimento está nas mãos dos grandes grupos financeiros que o utilizam para manter a relação de dominado e dominador.

C – 3 *Subordinação* (1F), subserviência, equívoco político, imobilismo e privilégios.

ABH – “Ato ou efeito de subordinação (...) 2. Estado de dependência e obediência (...) submissão.” (p. 1621).

“Findas as eleições (...) a *subordinação* ao grande capital internacional permanece a mesma – apenas se agravou.” (E,5,1).

O significado arrolado por ABH é o mesmo sentido em relação ao do M.S.T., entretanto é uma submissão política de um país por meio de seus *representantes maiores* (grifo nossos). É uma opção/determinação ideológica assumida, com perda de autonomia e identidade política, levando ao aprofundamento e descaracterização do sentido Nação enquanto independência política e econômica.

C – 4 *Política* (7F), incompetência, arrogante, armagedon, apocalipse e barbárie.

ABH – "Conjunto de objetivos que informam determinado programa da ação governamental e condicionam sua execução." (p. 1358).

"E ao que tudo indica, não existe mais condições – e menos ainda vontade **política** – sequer para aplicação das chamadas *política* compensatórias" (E,4,1), "Segundo eles [?], transcenderam a luta pela reforma agrária, com o se fazer política" (E,3,5).

A execução do "conjunto de objetivos", segundo ABH, deixa transparecer uma condição meramente administrativa. Para o M.S.T. o significado é de uma relação de interesses de classe, de representação ideológica e não burocrática e o executar um conjunto de objetivos ou atividades não é uma situação aleatória; sempre visa o benefício mesmo que mascaradamente de certos setores sociais (grifo nossos). A questão da reforma agrária – a saúde, a educação, entre outras – deixa evidente o significado da palavra política. Basta citar que a bancada que sustenta o Governo Federal é composta por um número bastante razoável de representantes (deputados e senadores) de grandes latifundiários e de grandes grupos nacionais com os quais o Presidente mantém compromissos. E isso se reflete nos itens lexicais deste subcampo de F.H.C.

Na base vertical do gráfico, está o item lexical 3 – *Partidos*. Por representar ou ter menor importância no bojo contextual dos editoriais do M.S.T., esse fato não é aleatório, é a significação ou valoração dada aos partidos por sua atuação ou pela relevância diante do quadro nacional, pois há uma pulverização partidária e um esvaziamento de propostas não definidas ideologicamente como o próprio M.S.T. faz referência. Não é difícil de constatar o quanto os partidos se tornaram órgão burocráticos, visto que os eleitores votam, em sua grande maioria, no candidato e não no partido. Elegem governador, prefeito e presidente, no entanto estes não conseguem fazer uma maioria parlamentar. Para ilustrar cito o caso de Mato Grosso do Sul que elegeu o Governador e dois deputados apenas. Nisso há uma grande contradição e falta de coerência por parte do eleitor, contudo a responsabilidade pertence aos partidos que não têm perante a grande maioria dos eleitores uma proposta objetiva enquanto projeto. Portanto, é possível concluir este ponto afirmando que todos os partidos estão esvaziados de projetos político-ideológicos em que o eleitor possa se identificar enquanto sujeito engajado. Referimo-nos aos partidos de centro-esquerda, porque os de direita sempre deixam claro seus propósitos.

3 – *Partidos* (3F), A – Esquerda (do lado esquerdo); B – Centro-esquerda (na base da linha vertical); C – Direita (do lado direito).

ABH – “3. Organização, cujos membros programam e realizam uma ação com fins comuns políticos e sociais” (p. 1274).

“E os *partidos* de esquerda estão no dessa avaliação [crivo crítico]” (E,5,4), “Mas ausência de um fórum (partido, frente partidária ou de organizações do povo, ou etc.) que organiza e articule nacionalmente essas insatisfações” (E,6,2).

ABH define bem “programa de ação” e “políticas sociais”. Os programas são bandeiras a serem executadas em uma disputa de forças políticas materializadas na prática, como ação propriamente dita, segundo o M.S.T.. Os significados nos editais deixam evidenciar um esvaziamento de programas e ações de políticas sociais dos partidos, isto não entendido como programas de assistencialismo ou de bons administradores políticos. Dessa forma, não têm razão, uma vez que o espaço político sempre atende a um objetivo maior do que o de administrar de forma competente. O que caracteriza os *partidos* são seus suportes ideológicos, sua identidade com determinado segmento social. O significado para o M.S.T. deixa isso claro, quando proclama não só “*partidos* ou frente *partidárias*, mais também movimentos e organizações do povo”. É uma crítica ao distanciamento entre o discurso e a prática, além de os *partidos* de esquerda reduzirem sua prática somente ao âmbito institucional legalista. Prática essa que historicamente já demonstrou e vem demonstrando sua ineficácia e capitulação diante do sistema.

A lexia *partido* está cada vez mais sem conteúdo ideológico em relação aquilo que a fez ser nos anos 1960, 1970 e 1980 o que não é mais hoje. Isto representa, de certa forma, um *risco e perigo* (grifos nossos) uma vez que banaliza até os *partidos* de esquerda. Podemos afirmar que há, dessa forma, perda da identidade ideológica, pois os partidos de esquerda deixam de ser referência, confluência de bandeiras sociais, conforme é citado no edital número seis que “faremos bons governos e em 2002 teremos forças para eleger o Presidente etc., etc.. Além do proverbial bom-mocismo que assola amplos setores da oposição – no atual quadro, para além de equívocos políticos, dizem intenções de colaboração de classe.”

Nessa longa citação, porém necessária, fica clara a crítica do M.S.T. e a confirmação de há um esvaziamento do conteúdo ideológico. Quando nos referimos à esquerda, é ao seu conteúdo ideológico que fazemos menção e tão somente no sentido mais restrito do termo de cunho puramente marxista, fora disso, é desvio e abandono ideológico das causas primeiras em que se fundaram os partidos de esquerda. Esse desvio e

abandono, a meu ver, é uma traição ideológica às massas trabalhadoras e oprimidas que o próprio M.S.T denuncia por meio das lexias “articulação, projeto, resistência ,organização do povo, movimento populares, exposições, fórum, diálogo, construir”, entre outras.

Certos compromissos foram abandonados e esse abandono por parte dos partidos de esquerda não é um mero acaso, é antes de tudo um desvio ideológico, nisto o campo léxico A – *Movimentos populares* denuncia, com clareza. Concluímos este ponto extenso com as palavras de Eagleton (1977): “O abandono da noção de ideologia [sentido marxista] está relacionada como uma hesitação política muito disseminada entre setores inteiros da antiga esquerda revolucionária, ante um capitalismo temporariamente na ofensiva, iniciou uma retirada *constante e envergada* das questões ‘metafísicas’ como luta de classe e modos de produção, ação revolucionária” (grifos nossos) (*Id. Ibid.*, p. 12).

A – *Esquerda* (6F), A – 1 (não) Vende e A – 2 (não) afaga. Ambos são subcampos.

ABH – “3. Parte da assembleia que fica a esquerda do presidente 5. *Ciência Política* conjunto de indivíduos ou grupos políticos partidários de uma reforma ou revolução socialista (...) esquerda [opõem-se a direita (...) aos conservadores.]” (p. 710).

“Nada acontecerá sem uma intervenção organizada nacionalmente da oposição de *esquerda*.” (E,6,1), “A grande quantidade de abstenções, votos nulos e brancos (...) pode e deve servir também de aviso à oposição em que à *esquerda* em particular” (E,5,3), ““A indústria da afirmação de que a *esquerda* não tem projeto é que vem sendo o mote para o imobilismo” (E,6,3).

O significado de *esquerda* para o M.S.T. está esvaziado de sentido uma vez que o projeto está desvinculado das ações políticas, que nas décadas de 1960, 1970, 1980 e início dos anos 1990 apresentava mais clareza e objetividade, era de fato uma oposição de princípios de “revolução socialista” conforme ABH. Havia uma prática contundente. Para o M.S.T., a *esquerda* se transmudou e virou reformista do sistema, prática política ineficaz, esvaziada de programa de transformação social. Diante dessa transformação, o M.S.T. se coloca como única alternativa, única vanguarda política perante as *esquerdas*, tentando ainda resgatar alguns segmentos genuinamente de *esquerda*.

É importante ressaltar as diferenças do significado de duas lexias: *oposição* e *esquerda*. A primeira significa estar contra e não importa a questão partidária e ideológica; por outro lado, para a segunda importa preponderantemente a questão ideológica e partidária. Nesse aspecto, o

M.S.T. não é oposição e sim *esquerda* daquilo que já foi *esquerda*, um dia, no país, pois propõe a substituição do sistema e não a reforma política defendida pela *esquerda* atual. A este propósito, os partidos chamados de *esquerda* constantemente abrem mão dos pressupostos socialistas em troca das benesses do Governo Federal, havendo uma perda de identidade política, como alerta o M.S.T.

B – *Centro-esquerda* (1F), governo, F.H.C. e depurados.

ABH não registra a lexia composta *centro-esquerda*, fato que causa estranheza. No entanto, o uso dela é corrente na imprensa escrita, falada e televisiva. Seu significado é um tanto escorregadio, mais se refere aos políticos ou partidos que se posicionam entre as ideologias conservadoras – de direita – e as ideologias de esquerda – os moderados. A lexia pressupõe que é uma aproximação de alguns setores da esquerda com alguns setores da direita, estes chamados de progressistas, mas não corresponde em nenhum momento a uma prática definida e diferenciada. A definição e significado é apenas teórica e tem a finalidade de mascarar os interesses de uma prática de direita.

A esquerda não tem projeto (...) somado ao delírio de que é possível um Governo de *centro-esquerda* encabeçado por F.H.C. e seus tucanos e depurados ACM e Cia (...) de que faremos bons governos e em 2002 teremos forças (...) para eleger o presidente. (E,6,3).

O significado de *centro-esquerda* para o M.S.T. é um “delírio” por representar algo circunstancial e não de princípio ideológico demarcado. Centro-esquerda se confunde com a direita, travestida de uma prática oportunista.

C – *Direita* (2F), ACM e Cia.

ABH – “4. Grupo de parlamentar (...) tradicionalmente constituído por elementos de partidos conservadores 7. Regime político de caráter conservador.”

“Fomos informados sobre as ameaças da extrema-direita contra o Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro.” (E,6,6), “Para os trabalhadores e para o povo, que irão perdendo (...) jornada de trabalho, férias, 13º salário e outros flexibilização e privatizações que a *direita* se coloca enquanto programa, e que na ausência de resistência facilita ou pelo menos corrobora.” (E,6,1).

No ABH o termo *conservador* representa um eufemismo em relação ao significado pragmático. O significado de *direita*, em relação a partido político, tem como programa a manutenção de uma estrutura social secular de privilégios historicamente defendidos e que no Brasil teve como seu representante maior “o Senador Antônio Carlos Magalhães-

ACM e Cia", base do governo F.H.C. que afirmava ser de centro-esquerda, uma contradição não casual, pelo contrário, um projeto político delineado.

Para o M.S.T., além das considerações acima, tem um significado de sistema de opressão, desigualdade social, representando um projeto que beneficia apenas uma minoria. A unidade lexical *direita* tem um sentido plenamente pejorativo e ofensivo.

5. Considerações finais

A análise das unidades lexicais a partir do significado literal e contextual utilizado pelo M.S.T. demonstrou o seu caráter viril e ideológico. O corte vertical, tendo o arquilexema *crise* como ponto, é a representação da bipolaridade lexical. De um lado, campos e subcampos de leixias que fazem parte de um determinado grupo que se deixa revelar, do outro lado, as leixias que o M.S.T. catalisa e procura desnudar com diversas inferências, demonstrando a visão do M.S.T. sobre si mesmo e sobre a sociedade. Pontua, por sua vez, suas propostas para essa mesma sociedade com projetos de mudança socioideológica. Um dado relevante é que o M.S.T. não se apresenta como corporativista, mas como catalisador social dos marginalizados e futuros marginalizados da terra e da fábrica, entre outros, evidenciando a originalidade e a legitimidade do movimento.

Dessa forma, é possível afirmar que entre as unidades lexicais e o discurso do M.S.T. o que há é um espaço de conflito fronteiro muito bem estabelecido. O conceito de *fronteira* defendido por Martins (1997) é o que mais se aproxima dessa relação, pois na concepção desse autor:

[...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. A primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e de visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história (MARTINS, 1997, p. 150-151).

Concluimos com Matoré (1973), que “a palavra transmite o conceito – este é (real) dinâmico e fluente [...] A palavra é uma ferramenta de compreensão social (*Id. Ibid.*, p. 39)”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BALDINGER, Kurt. *Teoria semântica*. Hacia una semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1970.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico, 1978.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BUZZI, Arcangelo. *O ser e a linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Carlos: UNESP/Boitempo, 1977.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GENOUVRIER, Émile; PEYTARD, J. *Linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1974.
- GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MATORÉ, George. *Palavra testemunha*. Larousse, s/s.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Negri Aparecida. *As ciências do léxico*. Lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 1988.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

RECTOR, Monica; YUNES, Eliana. *Manual de semântica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 20. São Paulo: Cultrix, 1995.